

## **PESQUISA TEÓRICA EM COMUNICAÇÃO: considerações para uma sistematização metodológica<sup>1</sup>**

### **THEORETICAL RESEARCH IN COMMUNICATION: Considerations for a Methodological Systematization**

Maurício Liesen<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo discutir fundamentos e métodos possíveis para a pesquisa teórica em Comunicação, diante da observação de que manuais recorrentes em cursos de bacharelado e pós-graduação privilegiam abordagens empíricas e oferecem pouca orientação para investigações conceituais. A metodologia adotada consiste em revisão crítica da literatura em teoria da comunicação, filosofia da ciência e epistemologia do campo, com ênfase nas tradições teóricas mapeadas por Robert T. Craig e em debates sobre legitimidade científica da teorização. O trabalho propõe a explicitação de procedimentos como análise conceitual, etimologia, comparação paradigmática e reconstrução sistemática. Como resultado, apresenta-se uma abordagem incipiente, porém estruturada, para fortalecer o rigor, a coerência e a reflexividade da pesquisa teórica em Comunicação.

**Palavras-Chave:** Pesquisa teórica. Epistemologia da Comunicação. Metodologia conceitual. Tradições teóricas.

**Abstract:** In light of the observation that commonly used textbooks in undergraduate and graduate programs privilege empirical approaches and offer little guidance for conceptual investigations, this article aims to discuss possible foundations and methods for theoretical research in Communication. The methodology consists of a critical review of the literature in communication theory, philosophy of science, and the field's epistemology, with emphasis on the theoretical traditions mapped by Robert T. Craig and on debates concerning the scientific legitimacy of theorizing. The paper proposes the clarification of procedures such as conceptual analysis, etymology, paradigmatic comparison, and systematic reconstruction. As a result, it presents an incipient yet structured approach to strengthen the rigor, coherence, and reflexivity of theoretical research in Communication.

**Keywords:** Theoretical research. Epistemology of Communication. Conceptual methodology. Theoretical traditions.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

<sup>2</sup> Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB) e Professor Assistente do Departamento de Mídias Digitais, na mesma instituição (DEMID/CCHLA/UFPB). Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. E-mail: mauricioliesen@cchla.ufpb.br.

## 1. Introdução

A pesquisa teórica parece ocupar uma posição estruturalmente ambígua nos estudos de Comunicação. Embora o debate sobre teoria e epistemologia acompanhe a consolidação do campo no Brasil desde a sua institucionalização (D'AMARAL, 1977; LIESEN, 2022; LOPES, 2003; MARCONDES FILHO, 2010; MARTINO, 2017; RÜDIGER, 2022; SIGNATES, 2021), o modo de pesquisa especificamente teórico-conceitual raramente é tematizado como forma autônoma de investigação científica. Um indício dessa lacuna pode ser observado nos principais manuais de metodologia adotados na área: obras de referência como as organizadas por Maia (2025), Oliveira e colegas (2024), Barbosa (2020), Gil (2019), França e Simões (2018), Moura e Lopes (2016), Maldonado (2011), Silva (2010), Duarte e Barros (2005) e Lopes (2001) não apresentam uma seção dedicada à pesquisa teórica como um modo específico de produção científica. Em geral, a produção teórica aparece diluída entre capítulos sobre revisão de literatura, fundamentação teórica de pesquisas empíricas ou ensaio acadêmico. A exceção encontra-se em Luís Mauro Martino (2021, p. 96) que situa a pesquisa teórica como uma modalidade específica de pesquisa, diferenciando-a dos modos exploratório, bibliográfico, empírico, aplicado e de campo. Entretanto, o tema é tratado ainda de modo incipiente, com meia página dedicada ao reconhecimento das particularidades da pesquisa teórico-conceitual, sem abordar métodos e procedimentos para a teorização enquanto forma de pesquisa.

Esse enquadramento indica consequências epistemologicamente relevantes. Em primeiro lugar, a pesquisa teórica parece estar relegada à condição de etapa preliminar, acessória ou instrumental da investigação empírica, como se sua função fosse apenas sustentar hipóteses a serem testadas. Em segundo lugar, ele reverbera uma crítica recorrente de que a produção teórica no campo seria excessivamente ensaística, carente de critérios de rigor e próxima do que Wilson Gomes (2003) denominou, há mais de duas décadas, de “estranho caso” de discursos epistemológicos que visitam a Comunicação sem se submeter a exigências sistemáticas de consistência conceitual. A suspeita em relação à teorização também atravessa a crítica de Francisco Rüdiger, que questiona a pretensão de uma

“epistemologia da Comunicação” desvinculada de fundamentos filosóficos mais sólidos (RÜDIGER, 2014) e denuncia os riscos de um “campo minado” em que disputas conceituais carecem de critérios claros de validação (RÜDIGER, 2018).

Nesse contexto, a ausência de uma reflexão metodológica explícita sobre a pesquisa teórica contribui para a manutenção de um duplo impasse: por um lado, a teoria é considerada indispensável para a constituição do campo; por outro, sua produção não é reconhecida como prática de pesquisa dotada de procedimentos próprios, critérios de validade e formas específicas de intervenção no debate científico. A superação desse impasse exige reconhecer que a elaboração, crítica e reconstrução de conceitos e teorias não constituem meramente um levantamento de referencial, mas um modo específico de produção de conhecimento, cuja legitimidade depende da explicitação de seus métodos e de sua inserção coerente nas tradições teóricas do campo.

O problema, entretanto, não é exclusivo da área. Diagnósticos semelhantes aparecem em outros campos vizinhos já consolidados. Na Psicologia, por exemplo, Laurenti, Lopes e Araújo (2016) observam que a análise conceitual e histórico-filosófica das teorias psicológicas é frequentemente preterida em favor da experimentação e da matematização. Na Pedagogia, Johannes Bellmann (2020) mostra que a noção de pesquisa é muitas vezes restrita ao modelo empírico, de modo que a expressão “pesquisa teórica” parece paradoxal. Na Biblioteconomia, Susan Myburgh e Anna Maria Tammaro (2013) identificam a ausência de clareza conceitual e de fundamentação teórica como obstáculo à consolidação epistemológica da profissão.

Esses diagnósticos parecem convergir para um ponto central: a redução do conceito de pesquisa ao modelo empírico-experimental produz um apagamento das modalidades reflexivas de produção de conhecimento. Contudo, tal redução é epistemologicamente problemática e historicamente imprecisa. A pesquisa teórica nunca foi monopólio da Filosofia, nem tampouco constitui atividade marginal às Ciências Humanas e Sociais. Como argumenta Martin (2004) no contexto da psicologia teórica, há trabalho demais a ser feito não apenas do ponto de vista das teorias, mas também das práticas profissionais, para que se prescindia de uma investigação conceitual mais sistemática.

Na área de Comunicação, o problema assume contornos adicionais. O campo se consolidou institucionalmente no Brasil como área frequentemente classificada entre as “Ciências Sociais Aplicadas”. Tal classificação, quando tomada de forma normativa e não administrativa, reforça uma expectativa de aplicabilidade imediata, frequentemente associada à pesquisa empírica voltada a práticas profissionais (LIESEN, 2017). Entretanto, como já diagnosticado há décadas como pesquisadores como Márcio Tavares D’Amaral (1977), Ciro Marcondes Filho (2010) e José Marques de Melo (2014), para citar apenas alguns, os estudos de comunicação carecem de precisão conceitual e de delimitações cronológicas claras, o que revelaria não um excesso, mas uma insuficiência de trabalho teórico sistemático.

Diante disso, a linha argumentativa que orienta este texto é dupla. Primeiramente, sustenta-se que a pesquisa teórica constitui modalidade legítima de investigação científica, ou seja, dotada de objeto, método e resultados reconstruíveis intersubjetivamente. Em segundo lugar, argumenta-se que a consolidação da pesquisa teórica em Comunicação depende do seu desenvolvimento e estruturação metodológica. Para sustentar essa linha, o artigo desenvolve cinco movimentos, apresentados de maneira cursiva, ao modo de um projeto ainda incipiente: (1) esclarece o conceito de teoria no interior das ciências da comunicação e sua relação com as práticas profissionais; (2) expande o conceito de pesquisa científica de modo a evitar sua redução ao empirismo; (3) elenca alguns métodos de pesquisa teórica; (4) discute o papel das tradições teóricas no campo da Comunicação e o risco da bricolagem conceitual; e (5) propõe uma inflexão comunicacional da própria pesquisa teórica, o que significa observar os modos mediais e comunicacionais da produção teórico conceitual.

O objetivo não é reativar dualismos simplificadores (como teoria versus empiria, reflexão versus prática, história versus sistematicidade), mas mostrar que tais distinções, quando absolutizadas, obscurecem a interdependência estrutural entre diferentes modalidades de produção de conhecimento. Como lembra Bellmann (2020), a especificidade da pesquisa teórica não reside na ausência de referências ao empirismo, à história ou à prática, mas na recontextualização dessas referências sob um regime próprio de investigação. A questão que se impõe, portanto, não é se a pesquisa teórica é pesquisa, mas quais são seus critérios de rigor, seus métodos e seus limites.

## 2. Teoria como prática constitutiva e forma de reflexividade disciplinar

A discussão sobre o papel da teoria nos estudos de comunicação precisa começar pelo reconhecimento de sua polissemia. O termo “teoria” não designa uma atividade única, homogênea ou metodologicamente uniforme. Nas Ciências Sociais, como discute Gabriel Abend (2008), a teoria assume múltiplos sentidos que coexistem e frequentemente se confundem. Abend identifica pelo menos sete acepções recorrentes: teoria como sistema de proposições gerais; como explicação causal; como interpretação; como reconstrução sistemática de um autor ou tradição; como paradigma ou quadro conceitual amplo; como posição normativa; e como reflexão metateórica sobre os fundamentos do próprio campo. Essa tipologia pode ser interessante para as Ciências da Comunicação porque revela que parte das controvérsias sobre a fragilidade teórica da área pode decorrer não de ausência de teoria, mas da aplicação de critérios de diferenciação entre uma acepção e outra.

Há, por exemplo, teorias que procuram explicar causalmente efeitos midiáticos (teoria como explicação); há construções paradigmáticas amplas, como as teorias da midiatização (teoria como quadro interpretativo); há reconstruções sistemáticas de tradições — por exemplo, releituras de McLuhan ou Habermas (teoria como exegese estruturada); há teorias normativas que discutem democracia, esfera pública ou justiça comunicacional; e há reflexões metateóricas que interrogam o próprio estatuto epistemológico da Comunicação enquanto disciplina. Exigir que todas essas modalidades se submetam a um único modelo de validação, por exemplo, à testabilidade empírica imediata, implica reduzir indevidamente a complexidade do trabalho teórico.

Donald Levine (2015), por sua vez, aponta que o termo “teoria” opera segundo distinções estruturantes: como abstrato em oposição ao empírico; como geral em oposição ao particular; como contemplativo em oposição ao prático; e como exegetico em oposição ao heurístico. Essas distinções ajudam a compreender por que a teoria frequentemente é vista com suspeita nos campos aplicados. A abstração é confundida com distanciamento da realidade; a generalidade é confundida com desatenção ao caso concreto; o caráter contemplativo é associado à improdutividade prática. No entanto, essas oposições são

epistemologicamente frágeis. A abstração não é o oposto da realidade, mas um meio pelo qual a realidade se torna inteligível. A generalidade não exclui o particular, mas fornece o horizonte dentro do qual o particular pode ser compreendido. E o contemplativo não é antagônico ao prático: ele organiza os pressupostos que tornam a prática possível. Ainda seria necessário demonstrar essa interdependência no campo da Comunicação.

A teoria não é um suplemento externo às práticas comunicacionais; ela é constitutiva delas. Andrew Abbott (1988), ao analisar o sistema das profissões, argumenta que o controle profissional repousa sobre o controle de sistemas abstratos. Profissões não se definem apenas por técnicas, mas pela capacidade de produzir e monopolizar quadros conceituais que organizam essas técnicas. Aplicado à Comunicação, isso significa que a produção de conteúdo, o jornalismo, a publicidade, a comunicação organizacional, a produção audiovisual ou a gestão de mídias dependem de abstrações que estruturam suas práticas: por exemplo, conceitos de comunicação, meios, público, audiência, narrativa, verdade, persuasão, engajamento, algoritmo, visibilidade etc. Essas categorias não emergem espontaneamente da prática; elas são elaboradas, estabilizadas e criticadas em nível teórico.

Os estudos de comunicação lidam com fenômenos que dialogam com diversas disciplinas por conta de seus aspectos técnicos, infraestruturais, políticos, éticos, estéticos, retóricos, culturais, sociais, performativos, simbólicos, institucionais, normativos etc. Consequentemente, a emergência de novos meios e modos de mediação e comunicação afeta práticas que também exige reelaboração conceitual. Sem aprofundamento teórico, o campo corre o risco de operar apenas por adaptação terminológica, importando conceitos de outras áreas sem examinar seus pressupostos ontológicos.

A relação entre teoria e prática, portanto, não deve ser pensada como hierarquia, mas como circuito. A teoria fornece abstrações que orientam práticas; as práticas tensionam e reformulam as abstrações. Essa dinâmica reverbera a crítica de Levine (2015) à oposição rígida entre teoria e ação. A teoria é prática reflexiva de segundo grau: ela opera sobre as categorias que estruturam a prática de primeiro grau. E, ao fazê-lo, amplia a capacidade do campo de produzir distinções conceituais mais finas, capazes de responder à complexidade dos fenômenos contemporâneos. Mais ainda, a teoria também se constitui enquanto prática: ela depende de práticas de mídia e comunicação para ser produzida e disseminada. Nenhuma

teoria ocorre apenas no plano subjetivo, mas é destinado à partilha comum que define um público (LIESEN, 2021).

Nesse contexto, torna-se fundamental distinguir pesquisa teórica de mera pesquisa bibliográfica. Levantamento de referencial, pesquisa exploratória ou revisão de literatura são etapas importantes, mas não constituem, por si só, pesquisa teórica. Pesquisa teórica implica desenvolvimento conceitual, crítica de categorias, reconstrução argumentativa e produção de novas abstrações capazes de reorganizar o horizonte de inteligibilidade do campo. Trata-se de atividade criativa e sistemática de elaboração conceitual que visa ampliar a potência analítica da área e, conseqüentemente, qualificar suas práticas profissionais.

Se por exemplo, definirmos a comunicação pelo ato de tornar algo comum ou público, a pesquisa teórica é o lugar onde se investigam e se reformulam as condições conceituais desse tornar comum. Ela não apenas descreve práticas comunicacionais, mas interroga os conceitos que tornam essas práticas possíveis. Ao desenvolver, criticar e refinar tais conceitos, a pesquisa teórica fortalece a autonomia epistemológica do campo e sustenta sua atuação profissional em contextos sociais e tecnológicos em transformação.

O próximo passo, então, será examinar mais detidamente o que significa “pesquisa” nesse contexto e como a pesquisa teórica poderia se distinguir, metodológica e epistemologicamente, de outras modalidades investigativas.

### 3. Pesquisa teórica

A discussão sobre o significado do termo pesquisa é decisiva para sustentar a legitimidade da pesquisa teórica nas Ciências da Comunicação. Em muitos ambientes acadêmicos, pesquisar tornou-se praticamente sinônimo de coletar dados empíricos, aplicar instrumentos metodológicos e testar hipóteses. Não se trata de definição neutra, mas de consolidação institucional de um modelo específico de cientificidade: o modelo empírico-experimental.

Um debate análogo ocorreu no campo da Pedagogia alemã. Peter Vogel, em seu modelo das formas de conhecimento da ciência da educação (VOGEL, 1998), reconhece

explicitamente a existência de uma “pedagogia teórica” (*theoretische Erziehungswissenschaft*), mas reserva o termo “pesquisa” exclusivamente à forma “empírico-pedagógica”. À teoria caberia a tarefa de refletir os pressupostos das demais formas de conhecimento, não a produção de pesquisa propriamente dita. Enquanto o conceito de pesquisa permanecer previamente orientado pelo modelo da investigação empírica, a expressão “pesquisa teórica” parecerá sem sentido. O problema poderia não estar na ausência de rigor da teoria, mas na restrição semântica do conceito de pesquisa. Mas se a pesquisa teórica é modalidade legítima de investigação, ainda seria necessário explicitar seus critérios de cientificidade. Esses critérios não derivam da mensuração empírica direta, mas da racionalidade argumentativa e da capacidade sistemática de reorganização conceitual.

Um primeiro critério seria a coerência interna e a clareza conceitual. A teorização exige definições explícitas, distinções precisas e consistência lógica. A ausência de ambiguidade não é requisito meramente estilístico, mas condição de validade. Nesse ponto, novamente a análise de Gabriel Abend em *The Meaning of ‘Theory’* (ABEND, 2008), ao identificar sete sentidos distintos do termo teoria, defende que cada modalidade possui critérios próprios de avaliação. Para ilustrar: uma teoria explicativa será julgada por sua capacidade de estabelecer relações sistemáticas; uma teoria normativa será avaliada por sua coerência ética e argumentativa; uma teoria metateórica será medida pela profundidade de sua análise conceitual. A cientificidade, portanto, não seria uniforme, mas adequada à natureza da operação teórica.

Um segundo critério seria a explicitação de pressupostos ontológicos e normativos. Toda teoria pressupõe concepções sobre a natureza do objeto e sobre valores implicados em sua análise. Tornar esses pressupostos visíveis é condição da pesquisa teórica. Ao distinguir diferentes sentidos de teoria, Abend (2008) mostra que muitas controvérsias derivam da não explicitação dessas camadas.

Um terceiro critério seria a capacidade de produzir novas distinções analíticas. A teoria é cientificamente fecunda quando amplia o horizonte de inteligibilidade do campo. Donald Levine, em *Social Theory as a Vocation* (2015), argumenta que a teoria não é o oposto do empírico, mas o plano de generalização que torna o empírico compreensível. Ao analisar as distinções entre abstrato/concreto, geral/particular e contemplativo/prático, Levine

demonstra que a abstração é condição de organização sistemática da experiência. A legitimidade da teoria reside em sua potência heurística: sua capacidade de reorganizar problemas e tornar visíveis dimensões antes negligenciadas.

Um quarto critério refere-se à inserção crítica em tradições e debates. A pesquisa teórica não consiste em levantamento bibliográfico, mas em intervenção argumentativa. Ela dialoga com tradições intelectuais para transformá-las (mais adiante, neste trabalho, pretende-se avançar nesse debate a partir da obra de Robert T. Craig).

Dessa forma, compreender o que significa pesquisa implica reconhecer que investigar é intervir sistematicamente (seja sobre dados empíricos, seja sobre categorias conceituais) para produzir conhecimento comunicável e criticável. A pesquisa teórica distingue-se do simples levantamento de literatura porque não apenas mapeia o estado da arte, mas o transforma. Ela desenvolve conceitos, explicita pressupostos, cria distinções e reorganiza o horizonte analítico do campo.

No próximo tópico, poderemos avançar na sistematização das metodologias específicas da pesquisa teórica, aprofundando suas operações fundamentais e consolidando seu estatuto epistemológico no campo comunicacional.

#### **4. Métodos de pesquisa teórica: construção conceitual como trabalho científico**

A pesquisa teórica em Comunicação caracteriza-se por incidir, acima de tudo, sobre conceitos e teorias. Isso exige esclarecer, de início, o que se entende por conceito. Um conceito não é simplesmente uma palavra. Mais do que uma palavra, o conceito é um constructo linguístico dotado de função cognitiva e operatória no interior de um sistema teórico (BARROS, 2016). Enquanto palavras podem circular no uso cotidiano com relativa indeterminação, conceitos são elaborados para estabilizar distinções, organizar problemas e permitir inferências sistemáticas (HARDY-VALLEE, 2021). Como afirmam Gilles Deleuze e Félix Guattari em *O que é a filosofia?* (1991), o conceito é criação que condensa um problema e articula um conjunto de relações; ele não nomeia algo previamente dado, mas constitui uma ferramenta de pensamento. Reinhart Koselleck (2006), por sua vez, demonstra

que conceitos são históricos, ou seja, são “concentrados de experiência” que estruturam horizontes de expectativa e campos de experiência social.

A pesquisa teórica em Comunicação pode concentrar-se tanto no desenvolvimento, na clarificação ou na crítica de conceitos quanto na reconstrução, comparação ou reformulação de teorias, entendidas como sistemas organizados de categorias, pressupostos ontológicos e orientações normativas. Diferentemente do levantamento bibliográfico, da construção de referencial teórico ou da chamada pesquisa teórico-exploratória (modalidades que se baseiam sobretudo no mapeamento e na exposição de usos já estabelecidos), a pesquisa teórica intervém nesses usos, reorganizando-os criticamente, explicitando suas premissas e propondo deslocamentos conceituais. Trata-se de uma atividade que opera no plano das abstrações que estruturam o campo, incidindo diretamente sobre as formas pelas quais a Comunicação compreende a si mesma, seus objetos e suas práticas profissionais.

É nesse horizonte que o presente tópico se insere. Ele faz parte de um estudo ainda incipiente dedicado ao levantamento e à sistematização de métodos próprios da pesquisa teórica, justamente em razão da lacuna identificada nos manuais da área. O objetivo aqui não é oferecer um repertório fechado ou elaborado, mas mapear procedimentos possíveis, historicamente ancorados, que permitam conferir maior rigor e explicitabilidade à teorização.

Entre esses procedimentos, a investigação etimológica e filológica ocupa lugar relevante. Desde o diálogo *Crátilo*, de Platão (2015), em que a discussão sobre a correção dos nomes se articula à questão da verdade, passando pela hermenêutica de Wilhelm Dilthey (JUNG, 2001), que compreende a linguagem como expressão histórica da vida, até a analítica existencial de Martin Heidegger (2008, 1990), para quem a etimologia pode desvelar camadas originárias de sentido, a análise da origem e das transformações dos termos foi mobilizada como via de esclarecimento ontológico. De modo correlato, a história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*) desenvolvida por Reinhart Koselleck (2006, 2022) demonstra que as mutações semânticas das categorias políticas e sociais acompanham e revelam transformações estruturais da experiência histórica. A pesquisa etimológica, nesse sentido, não se reduz a curiosidade lexical: ela constitui um instrumento crítico capaz de tornar visíveis pressupostos sedimentados na linguagem e, portanto, de intervir no próprio horizonte conceitual que organiza o campo da Comunicação.

A comparação paradigmática constitui método adicional. Ela examina como diferentes tradições estruturam o fenômeno comunicacional sob pressupostos distintos. Robert T. Craig (1999) propôs compreender a Comunicação como campo composto por tradições teóricas diversas (retórica, semiótica, fenomenológica, cibernética, sociopsicológica, sociocultural e crítica) cada qual oferecendo concepção própria do que significa comunicar. A comparação paradigmática não busca síntese superficial, mas explicitação rigorosa de divergências ontológicas. Ela exige reconstrução fiel de cada tradição antes do diálogo crítico, evitando incoerências derivadas da justaposição acrítica de categorias incompatíveis.

A elaboração tipológica representa instrumento clássico da pesquisa teórica. A tipologia é construção analítica que acentua determinados traços para fins heurísticos. Tipos ideais não descrevem a realidade empírica tal como é, mas organizam sua inteligibilidade. No campo comunicacional, tipologias poderiam estruturar modelos de público, regimes de visibilidade ou formas de circulação midiática. Sua legitimidade depende da explicitação dos critérios de construção e da consciência de seu caráter analítico.

A reconstrução sistemática de teorias ou autores constitui outro procedimento relevante. Diferentemente da simples história das ideias, a reconstrução busca reorganizar coerentemente um sistema teórico, evidenciando sua lógica interna e avaliando sua atualidade. Jürgen Habermas (1981), em *Teoria do Agir Comunicativo*, exemplifica essa operação ao articular tradições da filosofia da linguagem e da teoria social para formular modelo sistemático de racionalidade comunicativa. Na Comunicação, reconstruções rigorosas de autores como Marshall McLuhan (2011), por exemplo, devem ir além da exegese histórica, examinando coerências internas, lacunas e possibilidades de atualização, como aquela empreendida por Sara Sharma (2022).

Por fim, a genealogia conceitual, inspirada em Nietzsche e desenvolvida por Michel Foucault (1999; 1995), oferece método crítico que investiga condições históricas de emergência das categorias e suas implicações de poder. A genealogia não busca essência originária, mas contingências e disputas que moldaram o presente. Aplicada à Comunicação, permite analisar como noções como “audiência”, “engajamento” ou “algoritmo” se

constituíram em contextos tecnológicos e institucionais específicos, revelando sua inserção em regimes de verdade.

A pesquisa teórica em Comunicação, ao trabalhar sistematicamente com conceitos e teorias (elencados ainda de maneira cursiva: por meio da etimologia, da análise conceitual, da comparação paradigmática, da tipologia, da reconstrução sistemática e da genealogia) amplia a capacidade abstrativa da área. Trata-se, portanto, de investimento estratégico na inteligibilidade do fenômeno comunicacional e na consolidação epistemológica do campo.

## 5. Tradições teóricas, coerência paradigmática e o risco da bricolagem conceitual

Se a pesquisa teórica em Comunicação se ocupa do desenvolvimento, crítica e reorganização de conceitos e teorias, ela não pode prescindir de uma consciência rigorosa das tradições intelectuais nas quais se insere. O campo da Comunicação não constitui uma disciplina unificada por um único paradigma, mas um espaço discursivo heterogêneo no qual diferentes tradições teóricas coexistem, disputam legitimidade e dialogam entre si. A compreensão dessa pluralidade é central para evitar aquilo que se poderia chamar de bricolagem conceitual: a justaposição acrítica de categorias provenientes de matrizes ontológicas incompatíveis.

Uma referência fundamental para essa discussão é o trabalho de Robert T. Craig (1989, 1999, 2008, 2013, 2014; Craig; Muller, 2007). Em seu texto seminal, o artigo *Communication Theory as a Field*, Craig (1999) propõe compreender a Comunicação não como disciplina fragmentada, mas como campo constituído por tradições teóricas distintas que compartilham o problema comum da comunicação enquanto prática social. O autor identifica, inicialmente, sete tradições: retórica, semiótica, fenomenológica, cibernética, sociopsicológica, sociocultural e crítica. Cada tradição não é apenas um conjunto de teorias, mas uma forma específica de conceber o que é comunicação.

A tradição retórica, cuja origem remonta à Antiguidade clássica (REBOUL, 2004; ARISTOTELES, 2017), entende comunicação como arte da persuasão. O conceito de comunicação aqui é normativo e prático: comunicar é influenciar juízos e decisões em

contextos públicos. A ênfase recai na argumentação, na construção do discurso e na relação entre orador e audiência. Comunicação é concebida como prática deliberativa orientada à ação.

A tradição semiótica, associada a autores como Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce, concebe comunicação como processo de significação. O foco desloca-se do persuadir para o significar. Comunicação é produção e interpretação de signos em sistemas estruturados. O conceito central é o de mediação simbólica: comunicar é articular códigos e convenções que tornam possível a interpretação compartilhada.

A tradição fenomenológica, influenciada por Edmund Husserl e Martin Buber, entende comunicação como experiência intersubjetiva e encontro (LIESEN, 2014). Aqui, comunicar é estabelecer relação dialógica autêntica, fundada na presença e na reciprocidade. O conceito de comunicação é existencial: trata-se da constituição do outro como interlocutor.

A tradição cibernética, inspirada em Norbert Wiener e na teoria matemática da informação de Claude Shannon e Warren Weaver, define comunicação como transmissão de informação através de sistemas. O modelo é técnico-sistêmico: comunicação é fluxo de sinais entre emissores e receptores mediados por canais. O conceito central é o de informação como entidade mensurável.

A tradição sociopsicológica, vinculada a pesquisas de efeitos midiáticos e teorias de atitude e comportamento, concebe comunicação como processo de influência interpessoal e social. O conceito de comunicação aqui é causal: trata-se de entender como mensagens produzem efeitos cognitivos, afetivos ou comportamentais.

A tradição sociocultural, associada a autores como James Carey, entende comunicação como processo pelo qual a realidade social é produzida e reproduzida simbolicamente. Comunicação é ritual, prática cultural, construção compartilhada de sentido. O conceito subjacente enfatiza a dimensão constitutiva da vida social.

Por fim, a tradição crítica, com raízes na Escola de Frankfurt e no pensamento marxista, concebe comunicação como prática atravessada por relações de poder e ideologia. Comunicar é participar de processos de dominação ou emancipação. O conceito de comunicação é político: trata-se de examinar estruturas de poder que moldam produção e circulação simbólica.

Craig (1999) sustenta que essas tradições não devem ser vistas como mutuamente excludentes, mas como recursos argumentativos que podem dialogar em um “metadiscurso constitutivo”. O campo da Comunicação se organiza como espaço de debate entre essas matrizes. Trabalhos posteriores ampliaram ou problematizaram essa tipologia. Craig e Muller (2007) aprofundaram o diálogo entre tradições ao organizar textos clássicos que evidenciam a diversidade do campo. Os autores propuseram a inclusão de novas tradições, como a pragmatista ou a pós-estruturalista, argumentando que o modelo original poderia não captar plenamente a complexidade contemporânea.

Obviamente, pode-se observar que a tipologia de Craig tende a privilegiar tradições anglo-americanas, sub-representando outras perspectivas, como latino-americanas ou decoloniais. Ainda assim, a força do modelo de Craig reside em explicitar que cada tradição parte de um conceito distinto de comunicação. Essa constatação é decisiva para a pesquisa teórica. Não se trata apenas de escolher autores, mas de compreender as ontologias subjacentes às categorias mobilizadas. Misturar, por exemplo, uma concepção cibernética de comunicação como transmissão com uma concepção fenomenológica de comunicação como encontro pode gerar incoerências profundas se não houver mediação conceitual explícita.

É aqui que emerge o risco da bricolagem conceitual. O termo bricolagem pode até sugerir uma criatividade teórica; contudo, quando empregado sem rigor, resulta em curto-circuitos epistemológicos. A incorporação acrítica de conceitos provenientes de tradições incompatíveis pode produzir discursos retoricamente sofisticados, mas teoricamente instáveis. A ausência de coerência paradigmática compromete a clareza dos pressupostos ontológicos e normativos. A observância de um método de pesquisa teórica promove coerência interna na elaboração conceitual. Isso não significa dogmatismo paradigmático, mas consciência das matrizes teóricas em jogo.

A pesquisa teórica deveria, portanto, aprofundar, problematizar, expandir ou criticar teorias dentro da lógica e coerência de um diálogo acadêmico anterior e amplo. Isso implicaria reconhecer filiações, explicitar deslocamentos e justificar articulações entre diferentes tradições. O objetivo desse cuidado metodológico é evitar curto-circuitos teóricos e promover diálogo produtivo entre perspectivas distintas, sem apagar suas diferenças estruturais.

A ampliação crítica de uma tradição (por exemplo, atualizar a tradição crítica à luz de estudos de plataforma ou expandir a tradição sociocultural para incluir debates decoloniais) deve ocorrer com consciência dos conceitos fundamentais que estruturam cada matriz. Assim a pesquisa teórica pode contribuir para o avanço do campo, fortalecendo sua coluna conceitual e garantindo rigor argumentativo.

Em suma, a pluralidade das tradições teóricas da Comunicação constitui simultaneamente uma fonte de riqueza e um foco permanente de tensão epistemológica. Se, por um lado, essa diversidade amplia o horizonte interpretativo do campo, por outro, ela pode gerar sobreposições conceituais imprecisas, deslocamentos semânticos não justificados e combinações paradigmáticas incompatíveis. A pesquisa teórica, ao reconhecer explicitamente essa pluralidade e ao operar com coerência paradigmática, desempenha papel estratégico na consolidação epistemológica da área.

Nesse contexto, o recurso às tradições teóricas não deve ser compreendido como taxonomia rígida ou ontologia definitiva do campo, mas como instrumento heurístico. O uso de tradições funciona como ferramenta metodológica da própria pesquisa teórica: ele permite situar conceitos em horizontes argumentativos específicos, explicitar pressupostos ontológicos e normativos e delimitar o alcance das categorias mobilizadas. Trata-se, portanto, de um procedimento analítico que auxilia a evitar bricolagens superficiais e justaposições incongruentes. Ao mobilizar tradições como dispositivos heurísticos, a pesquisa teórica não busca encerrar o campo em compartimentos estanques, mas criar condições para um diálogo estruturado entre perspectivas distintas. Esse diálogo só é produtivo quando as diferenças são reconhecidas e reconstruídas com fidelidade interna, antes de qualquer tentativa de articulação. Assim compreendida, a pesquisa teórica não apenas previne curto-circuitos conceituais, mas amplia a capacidade da Comunicação de compreender, problematizar e orientar criticamente o fenômeno comunicacional contemporâneo.

## 6. Por uma inflexão comunicacional da pesquisa teórica

Como desdobramento final deste percurso, impõe-se a pergunta acerca da dimensão comunicacional da própria pesquisa teórica. O deslocamento proposto consiste em não dirigir o olhar apenas aos conceitos e teorias produzidos no campo, mas também aos modos mediais, institucionais e comunicacionais pelos quais tais conceitos são formulados, publicados, debatidos, citados e legitimados. Não basta, portanto, teorizar a comunicação como objeto; é necessário compreender que a própria teorização é um fenômeno comunicacional, inscrito em práticas de escrita, dispositivos editoriais, redes acadêmicas, políticas de indexação, regimes de visibilidade e dinâmicas de circulação.

Essa inflexão implica reconhecer que teorias não emergem em um vazio abstrato. Elas são produzidas em práticas de mídia e contextos institucionais específicos (programas de pós-graduação, congressos, periódicos científicos) e circulam por meio cujas medialidades ainda precisam ser levadas em consideração (livros, revistas indexadas, plataformas digitais, bases de dados, etc.). Cada um desses dispositivos condiciona formas de argumentação, extensão textual, regimes de citação e critérios de legitimidade. A forma do artigo científico, por exemplo, impõe estruturas retóricas e temporais que moldam o modo como um conceito é apresentado e defendido. A própria noção de impacto acadêmico insere a produção teórica em circuitos de visibilidade regulados por métricas e rankings.

Desse modo, pode emergir uma forma particular de pesquisa teórica em Comunicação: aquela que investiga os fundamentos comunicacionais da produção da própria teoria. Trata-se de uma metateorização situada, que examina como as condições mediais de produção influenciam a construção conceitual, como regimes institucionais delimitam agendas teóricas e como disputas de autoridade afetam a consolidação de determinadas tradições. Essa abordagem não reduz a teoria a mero efeito institucional, mas busca compreender a coprodução entre formas de comunicação e formas de abstração. Ao assumir essa perspectiva, a pesquisa teórica em Comunicação poderia ampliar seu alcance reflexivo. Ela não apenas constrói e critica conceitos, mas interroga os próprios processos

comunicacionais que tornam tais conceitos possíveis, visíveis e reconhecíveis como científicos. Nesse sentido, a teorização torna-se também objeto de análise comunicacional.

Dessa maneira, a pesquisa teórica dentro dos estudos comunicacionais constitui um lugar privilegiado de investigação das condições de possibilidade e existência das próprias teorias. Isso implicaria não apenas examinar conceitos, mas também refletir sobre o espaço comum, disciplinar e institucional no qual esses conceitos se tornam inteligíveis. Uma inflexão comunicacional da pesquisa teórica radicaliza esse gesto: ela pergunta de que maneira a teoria, enquanto prática comunicacional, participa das dinâmicas que descreve.

Toda teoria é produzida por meio de um meio. Não há conceito fora de suportes, formatos e práticas de enunciação. O artigo científico indexado, o livro autoral, o paper apresentado em congresso, o debate em grupo de pesquisa ou em seminário de pós-graduação, cada um desses formatos institui temporalidades específicas, modos de interlocução e regimes de autoridade próprios. A teoria não emerge em um vazio transcendental ou abstrato; ela se constitui em redes de citações, disputas por reconhecimento e circuitos de circulação. Se, como sustenta Robert T. Craig, o campo da Comunicação é um metadiscurso constituído por tradições que dialogam e se contestam, então esse diálogo é também materialmente mediado por instituições, línguas, políticas editoriais e plataformas digitais. A pluralidade das tradições não é apenas conceitual; ela é também comunicacional. A pesquisa teórica, nesse sentido, deve reconhecer que seus conceitos são inseparáveis das condições de sua publicidade. Isso significa ainda que a produção conceitual está atravessada por assimetrias de visibilidade, por hegemonias linguísticas e por centros institucionais que definem o que se torna “clássico”, “fundacional” ou “relevante”.

Uma inflexão comunicacional não dissolve a análise conceitual em mera sociologia da ciência, mas amplia seu horizonte crítico. Se, como afirma Karl Jaspers (1989), a verdade começa a dois, então a teoria só se realiza na comunicação. E se, como sugere Vilém Flusser (1998), a comunicação é um artifício humano para conferir sentido à existência, a própria atividade teórica pode ser compreendida como prática existencial de construção compartilhada de significado. A teoria não é apenas descrição do mundo comunicacional; ela é parte constitutiva dele.

À luz do percurso desenvolvido ao longo deste texto, torna-se possível sustentar que a pesquisa teórica em Comunicação exige dupla vigilância: por um lado, coerência interna, situada em tradições reconhecíveis, com explicitação de pressupostos ontológicos, epistemológicos e normativos; por outro, consciência das condições comunicacionais que moldam sua própria produção e legitimação. Contudo, é preciso enfatizar que o presente trabalho não pretende oferecer um modelo acabado ou normativo de metodologia, mas antes esboçar um levantamento inicial das possibilidades de constituição de métodos para a pesquisa teórica no campo. Trata-se de um esforço exploratório, que busca reunir elementos dispersos (conceituais, históricos e epistemológicos) e sugerir caminhos para sua sistematização futura. Ao indicar riscos como a bricolagem conceitual ou os curto-circuitos paradigmáticos, o texto não encerra o debate, mas procura abrir um programa de investigação sobre os critérios, procedimentos e fundamentos dessa modalidade de produção científica.

A chamada inflexão comunicacional da pesquisa teórica insere-se nesse mesmo horizonte tentativo. Ao propor que a teoria seja compreendida também como prática pública, medial e relacional, o argumento sugere uma ampliação reflexiva do próprio trabalho conceitual. Conceitos não apenas descrevem fenômenos; eles organizam comunidades interpretativas, estruturam expectativas e participam da constituição do comum. Reconhecer que a produção teórica está atravessada por dispositivos institucionais, regimes de circulação e formas de visibilidade significa admitir que a metodologia da pesquisa teórica deve incluir o estudo dessas mediações. Assim, mais do que concluir, este texto aponta para um campo de problemas: a necessidade de consolidar, de modo gradual e crítico, uma metodologia da pesquisa teórica em Comunicação que seja capaz de articular elaboração conceitual rigorosa e reflexão sobre seus próprios fundamentos comunicacionais.

## Referências

ABBOTT, Andrew. **The system of professions: an essay on the division of expert labor**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

ABEND, Gabriel. The Meaning of 'Theory'. **Sociological Theory**, v. 26, n. 2, p. 173–199, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.1467-9558.2008.00324.x>. Acesso em: 17 fev. 2026.

ARISTÓTELES. **Retórica**. tradução: Edson Bini. 1a edição. São Paulo: Edipro, 2017.

AZEVEDO, Edmilson Alves de. **Filosofia, linguagem e comunicação (dois estudos)**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e Método: Cenários e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2020.

BARROS, J. D. **Os conceitos: seus usos nas ciências humanas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. **O uso dos conceitos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

\_\_\_\_\_. **A construção da teoria nas ciências humanas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

BECKER, Howard S. **Metodos de pesquisa em ciencias sociais**. 4. eded. São Paulo (SP): Hucitec, 1999.

BELLMANN, Johannes. Theoretische Forschung – Unterscheidung und Bezeichnung eines spezifischen Modus der Wissensproduktion. **Zeitschrift für Pädagogik**, , n. 6, p. 788–806, 2020.

BITTENCOURT, Renato. **Comunicação e Filosofia**. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2007.

CATT, Isaac E. The Two Sciences of Communication in Philosophical Context. **Review of Communication**, v. 14, n. 3–4, p. 201–228, 2014.

CHANG, Brian. **Deconstructing Communication: Representation, Subject, and Economies of Exchange**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

CHANG, Brian; BUTCHART, Garnet. **Philosophy of Communication**. Cambridge: MIT Press, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

COCCHIARELLA, Nino. Conceptual realism as a formal ontology. In: POLI, Roberto; SIMONS, Peter (Org.). **Formal ontology**. London: Kluwer Academic, 1996. p. 27–60.

CRAIG, Robert T. Communication as a Pratical Discipline. In: DERVIN, Brenda *et al.* (org.). **Rethinking communication. Paradigm Issues**. Sage Publications, 1989. v. 1, p. 97–122.

\_\_\_\_\_. Communication in the Conversation of Disciplines. **Russian Journal of Communication**, v. 1, n. 1, p. 7–23, 2008.

\_\_\_\_\_. Communication Theory and Social Change. **Communication and Social Change**, v. 1, n. 2013, p. 5–18, 2014.

\_\_\_\_\_. Communication Theory as a Field. **Communication Theory**, v. 9, n. 2, p. 119–161, 1999.

\_\_\_\_\_. Constructing theories in communication research. **Theories and models of communication**, 2013.

CRAIG, Robert T.; MULLER, Heidi L. (Org.). **Theorizing Communication: Readings Across Traditions**. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore: Sage Publications, 2007.

D'AMARAL, Márcio Tavares. **Filosofia da comunicação e da Linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DEVITO, Joseph A. **Communicology: An Introduction to the Study of Communication**. New York: Harper & Row, 1978.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DURKIN, Philip. **The Oxford guide to etymology**. Oxford: Oxford university press, 2009.

FLUSSER, Vilém. **Kommunikologie**. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1998.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas**. tradução: Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Microfísica Do Poder**. tradução: Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FRANÇA, VERA VEIGA; SIMÕES, PAULA (org.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2018.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GERHARDT, Volker. **Öffentlichkeit: die politische Form des Bewusstseins**. München: C.H. Beck, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas Ltda, 2019.

GOMES, Wilson. O estranho caso de certos discursos epistemológicos que visitam a área de Comunicação. In: LOPES, Maria. Immacolata (Org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

GUNKEL, David J.; TAYLOR, Paul A. **Heidegger and the Media**. Cambridge/Malden: Polity Press, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Theorie des kommunikativen Handelns: Handlungsrationalität und gesellschaftliche Rationalisierung**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Holzwege - Gesamtausgabe I. Abteilung / Bd. 5**. Frankfurt am Main: V. Klostermann, 2003. (Gesamtausgabe / Martin Heidegger). v. 5

HEIDEGGER, Martin. **Vorträge und Aufsätze**. 6. ed. Stuttgart: Neske, 1990.

JASPERS, Karl. **Einführung in die Philosophie: zwölf Radiovorträge**. 28. ed. München: Piper, 1989.

JUNG, Matthias. **Hermeneutik zur Einführung**. Hamburg: Junius, 2001.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOSELLECK, Reinhart; PRESNER, Todd Samuel. **The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts**. Stanford, Calif: Stanford University Press, 2002.

LANIGAN, Richard L. **The Human Science of Communicology: A Phenomenology of Discourse in Foucault and Merleau-Ponty**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1992.

LAURENTI, Carolina; LOPES, Carlos Eduardo; ARAÚJO, Saulo de Freitas (org.). **Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos**. São Paulo: Hogrefe CETEPP, 2016.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciencias humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIESEN, Maurício. A com-partilha: sobre a comunicação (do) social. 2017, São Leopoldo. **XXVI Encontro Anual da Compós**. São Leopoldo: COMPÓS, 2017. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/arquivos\\_2017/trabalhos\\_arquivo\\_XVYZED7N84M4V77BTDAQ\\_26\\_5775\\_21\\_02\\_2017\\_10\\_40\\_33.pdf](http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_XVYZED7N84M4V77BTDAQ_26_5775_21_02_2017_10_40_33.pdf).

\_\_\_\_\_. Becoming Common: Remarks on the (Im)Possibilities of Sharing. In: HAAS, Annika *et al.* (org.). Berlin: transcript Verlag, 2021. p. 94–108. Disponível em: <https://doi.org/10.14361/9783839457658-008>.

\_\_\_\_\_. Communicatio: communio: koinonia. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p. 89–97, 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/9624>.

\_\_\_\_\_. Fenomenologia da comunicação. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 97–99.

\_\_\_\_\_. Filosofia da comunicação—para quê?. **ANAIS DO 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**. Campinas: Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/filosofia-da-comunicacao-para-que?lang=pt-br#>.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 6a ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2001. (Série comunicação).

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MAIA, Rousiley C. M. (Org.). **Métodos de pesquisa em comunicação política**. Salvador, BA: Edufba, 2025.

MALDONADO GÓMEZ DE LA TORRE, Alberto Efendy (Org.). **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2a ed. ampl. e ated. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante: O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica**. São Paulo: Paulus, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8a edição. São Paulo: Atlas, 2017a.

\_\_\_\_\_. **Metodologia Científica**. 7a edição. São Paulo: Atlas, 2017b.

MARTINO, Luiz Claudio. **Escritos sobre epistemologia da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

MARTINO, Luís Cláudio; BERGER, Charles R.; CRAIG, Robert T. **Teorias da Comunicação: Muitas ou poucas?** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem: Understanding Media**. 20a ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

MELO, José Marques de. **Teoria e metodologia da comunicação (tendências do século XXI)**. São Paulo: Paulus Editora, 2014.

MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

MYBURGH, Susan; TAMMARO, Anna Maria. **Exploring Education For Digital Librarians: Meaning, Modes And Models**. Burlington: Elsevier Science, 2013.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de; SILVA-SILVA, Luiza Cristina; SALES, Shirlei (org.). **Metodologias De Pesquisas Científicas No Ciberespaço/Cibercultura**. Curitiba, PR: Appris Editora e Livraria Eireli - ME, 2024.

PETERS, Bernhard. **Der Sinn von Öffentlichkeit**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007.

PETERS, John Durham. **Speaking Into the Air: A History of the Idea of Communication**. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

PLATÃO. **Diálogos I - Teeteto (Ou do Conhecimento), II - Sofista (Ou do Ser), III - Protágoras (Ou Sofistas)**. tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2017.

\_\_\_\_\_. **Fedro**. tradução: José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

\_\_\_\_\_. **Diálogos VI: Crátilo (ou da correção dos nomes), Cármides (ou da moderação), Laques (ou da coragem), Ion (ou da Ilíada) e Menexeno (ou oração fúnebre)**. São Paulo: Edipro, 2015.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROMBACH, Heinrich; SEEBOHM, Thomas M.; SOKOLOWSKI, Robert. **Mensch, Welt, Verständigung : Perspektiven einer Phänomenologie der Kommunikation**. Freiburg: Alber, 1977.

RÜDIGER, Francisco. Epistemologia “da” Comunicação: elementos para a crítica de uma fantasia acadêmica. **Revista FAMECOS**, v. 21, n. 2, p. 395–417, 2014.

\_\_\_\_\_. Campo minado – sobre os princípios fundacionais da epistemologia da comunicação. **Galáxia (São Paulo)**, n. 38, p. 71–83, 2018.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia da comunicação no Brasil: ensaios críticos sobre teoria da ciência**. Vitória, ES: Editora Milfontes, 2022.

SHARMA, Sara; SINGH, Rianka (ORG.). **Re-understanding media: feminist extensions of Marshall McLuhan**. Durham ; London: Duke University Press, 2022.

SIGNATES, Luiz (Org.). **Epistemologia da comunicação: reflexões metateóricas sobre o especificamente comunicacional**. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2021.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

STRÖHL, Andreas. **Vilém Flusser (1920-1991). Phänomenologie der Kommunikation**. Köln/Weimar/Wien: Böhlau, 2013.

WARNER, Michael. **Publics and Counterpublics**. New York: Zone Books, 2005.